

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS - INGLÊS

GABRIELA KRAUSE DOS SANTOS

“...às vezes um sorriso, uma mensagem de apoio (...) podem, sim, transformar uma ferida dentro de nós em uma semente de esperança”: **Acolhimento e (Trans)Formação da Identidade Digital Docente**

SÃO LEOPOLDO
2018

Gabriela Krause dos Santos

“...às vezes um sorriso, uma mensagem de apoio (...) podem, sim, transformar uma ferida dentro de nós em uma semente de esperança”: **Acolhimento e (Trans)Formação da Identidade Digital Docente**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras,
pelo Curso de Letras Inglês da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador(a): Prof(a). Dra. Dorotea Frank Kersch

São Leopoldo

2018

Dedico este trabalho a meu Pai, Edison, a minha Mãe,
Regina, a minha orientadora, Dorotea e a meu namorado,
Vinícius.

AGRADECIMENTOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) exigiu muita dedicação, e muito trabalho, no processo houve inúmeras “quase” desistências. Para que o presente trabalho chegasse ao fim, algumas pessoas foram fundamentais nesse processo, reservo essa seção para agradecê-los.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, Dorotea Frank Kersch, pois este trabalho vem sendo construído desde que entrei no seu grupo de pesquisa. No papel, foram apenas dois semestres, mas todas as pesquisas e trabalhos que realizei enquanto bolsista me levaram até aqui. Foram inúmeras vezes que o acolhimento dela me fez seguir adiante, e, com certeza se este trabalho chegou ao fim devo muito a ela, pela ajuda, pela orientação, pelo acolhimento, pelo carinho, pelos puxões de orelha, por ser um grande exemplo de pessoa e profissional, e tudo mais.

Gostaria de agradecer a meu namorado, Vinícius, por toda paciência quando precisava de alguém para ler e pensar comigo no processo de escrita, por entender minha ausência em vários momentos e por me acalmar em tantos outros.

A meu Pai por sempre me incentivar e dar o exemplo de seguir pelo caminho da educação, e a nunca deixar os estudos. À minha Mãe por sempre nos colocar em primeiro lugar. Aos dois por serem firmes, mas também oferecerem colo e um porto seguro sempre que precisei.

Ao grupo de pesquisa FORMLI, por em muitos momentos no processo, não só deste trabalho, mas da minha formação, me ajudarem a construir conhecimento, e a contribuírem para a minha constituição e para o desenvolvimento da Professora que sou e ainda quero ser.

Aos professores do curso de Letras da Unisinos responsáveis por formar professores cada vez mais humanos, e por serem exemplo para esses futuros professores. Também por serem responsáveis pela eterna reconstrução de minha identidade docente, aqui em especial agradeço à Aline Jaeger, Taiane Malabarba e Tatiane Carvalho, que, em diversos momentos, tiveram posturas de acolhimento comigo que me marcaram durante o curso, e que são também exemplos para mim.

RESUMO

Com a lenta democratização do acesso às universidades, encontramos uma realidade diferente no ensino superior. Se antes a grande maioria dos alunos não precisavam se preocupar com o pagamento dos boletos de mensalidade, hoje a maioria custeia seus estudos, e, além do mais, muitos entram na universidade devido a programas como o Universidade Para Todos (PROUNI) ou FIES. Ao mesmo tempo, vemos que o acesso às tecnologias tem sido facilitado, além de todos possuírem um telefone celular, com ele ainda conseguimos fazer inúmeras tarefas com ele, como fazer um vídeo, editar um vídeo e outras. Neste trabalho temos objetivo de mostrar como o trabalho com tecnologia de forma ativa no curso de letras impacta as concepções do aluno-professor sobre si mesmo e sobre o que almeja como futuro profissional. A pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativista e adotamos o método de estudo de caso. Analisa-se a trajetória de um aluno do curso de letras de uma universidade privada do sul do Brasil numa disciplina fundada nos multiletramentos. Os dados mostram como alunos vindos das camadas mais baixas da população, ao trabalhar com tecnologias, precisam ser acolhidos e inseridos de modo que possam se desenvolver e se transformar enquanto alunos e enquanto cidadãos.

Palavras-chave: Acolhimento. Multiletramentos. Identidade Digital.

ABSTRACT

The slowly democratization of university access brought a different reality in higher education. If in the past the majority of students did not have to worry about monthly tuition payments, now most of them pay for their studies, besides that, many more go to university because of programs such as the University for All (PROUNI) or FIES. At the same time, we see that access to technology has been facilitated, besides all people having a cell phone, with it we can still do many tasks, such as recording a video, editing a video and others. In this paper we aim to show how the work with active technology in the course of Letras impacts the conceptions of the student-teacher about himself and what he seek as a future professional. The research is qualitative-interpretative and we adopted the case study method. We analyze the path of a student of Letras' course of a private university of south of Brazil in a discipline based on the multiliteracy. The data show how students, who come from the lower social class, when working with technologies need to be hosted and inserted so that they can develop and transform as students and as citizens.

Key words: Hosting. Multiliteracy. Digital Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo para o letramento crítico midiático proposto por Kersch e Lesley	19
Figura 2 - Desenvolvimento de Carlos	41

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação dos alunos com as tecnologias

31

LISTA DE SIGLAS

AMI	Alfabetização Midiática Informacional
CDS	Center for Digital Storytelling
EaD	Educação à Distância
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FORMLI	Formação de Professores, Multiletramentos e Identidade
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SMS	Short Message Service
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Pedagogia dos Multiletramentos	15
2.2 Narrativas Digitais	20
2.3 Identidade	22
3 METODOLOGIA	25
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE A - PRIMEIRA ENTREVISTA	47
APÊNDICE B - SEGUNDA ENTREVISTA	48

1 INTRODUÇÃO

Os Programas Sociais de acesso ao Ensino Superior como PROUNI (Programa Universidade para Todos) e o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), proporcionaram a muitas pessoas o acesso à universidade, o que, de outra forma não seria possível. A grande maioria desses alunos que chegam à universidade através desses programas estudaram em escola pública, ou possuíam bolsa no Ensino Privado e realmente não têm condições de se manter financeiramente em uma Universidade Privada (e, infelizmente, as universidades públicas no Brasil, não permitem que a maioria da população que estude e trabalhe ao mesmo tempo, devido aos horários das aulas). Alguns desses alunos vêm de locais com vulnerabilidades sociais, ou vêm de escolas públicas que enfrentaram falta de professor em algumas disciplinas ou ainda as duas coisas e mais tantos outros problemas que o sistema de ensino no Brasil enfrenta, inclusive a autora deste trabalho é um desses alunos.

Como este trabalho discute uma história, então começo aqui contando a minha. Nasci numa região cheia de vulnerabilidades sociais, num bairro pobre da cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Quando pequena, vi meus pais venderem a casa onde morávamos e se mudarem para viver “de favor” em uma casa que minha avó tinha em Novo Hamburgo. Assim ajudaríamos a minha avó que recentemente havia ficado viúva. Vi eles investirem cada centavo do dinheiro que recebiam mensalmente pela venda da casa na faculdade que meu pai cursava, afinal, o dinheiro do salário que ele recebia era para pagar as contas da casa e sustentar os três filhos ainda bem pequenos, sempre na esperança de um futuro melhor. Inúmeras vezes lembro de ir com ele à Universidade, pois não havia como deixar as três crianças com minha avó, e assistir às aulas em um cantinho da sala, e ficar bem quietinha. Normalmente, antes da aula, ele me levava em alguma pracinha do campus para gastar as energias.

Quando eu tinha 10 anos meu pai se formou, Licenciado em Ciências Biológicas. Ele sempre nos incentivou a estudar, inclusive minha mãe que havia parado de estudar na antiga 7ª série, quando eu estava terminando o ensino médio, ao final da antiga 8ª série, meu pai havia finalmente convencido minha mãe de retornar ao EJA e completar o Ensino Fundamental. Nos formamos no mesmo ano.

Estudei em escola pública a minha vida toda. Quando me formei no Ensino Médio, em 2010, sabia que não conseguiria cursar a faculdade, não tinha dinheiro pra isso. Fiquei 4 anos tentando uma bolsa pelo PROUNI. Nesse tempo, fiz o curso de Tradutor e Intérprete - Inglês, que era oferecido em uma escola pública da cidade onde morava. Em 2014, decidi que, mesmo não sem bolsa, entraria na faculdade, mesmo que fosse para fazer apenas uma disciplina por semestre (era o que eu conseguia pagar), e ainda escolhi uma licenciatura pelo incentivo que recebia na universidade que escolhi (50% de incentivo). Escolhi a licenciatura com que mais me identificava, mas nunca foi minha primeira opção, afinal, eu queria cursar Direito. E aí que fui parar no curso de Letras - Inglês, e posso dizer que, apesar de nunca ter sido minha primeira opção antes, se tornou isso durante o curso. Mas, continuei tentando a bolsa, afinal, era minha chance de conseguir fazer o curso, e me formar de forma mais rápida e sem precisar trancar semestres por questões financeiras. Em 2015, finalmente eu consegui a bolsa.

Durante os primeiros anos na graduação todas as disciplinas sempre me levaram a pensar no professor que eu queria ser. Na verdade, até hoje ainda penso sobre isso. Entre 2014-2016, trabalhava na recepção de uma escola de idiomas. Foi lá que conheci a Mayra, uma estudante do curso de Letras e bolsista de Iniciação Científica do grupo da Professora Dorotea. Mayra trabalhava como professora na escola e se tornou uma grande amiga, e sempre me dizia o quanto a iniciação científica era importante e o quanto eu “me daria bem” na iniciação científica. A iniciação científica, infelizmente, ainda é um programa que “não é para todo mundo”, afinal, para ser bolsista, o aluno não pode estar trabalhando. Quando acabei desempregada, a Mayra me indicou à professora Dorotea, e aí entrei para o Grupo de Pesquisa FORMLI.

Minhas inquietações a respeito do professor que eu quero ser começaram a ser respondidas, através do estudo, das pesquisas desenvolvidas, e principalmente pelo acolhimento que sempre recebi da minha orientadora. Às vezes, o acolhimento vinha como um leve puxão de orelha, às vezes com um abraço, mas sempre com um carinho imenso, e muito incentivo. Foram muitas as vezes, inclusive, no processo de escrita deste trabalho, que eu pensei em desistir, deixar para o semestre seguinte, ou qualquer outra coisa que me fizesse adiar este momento, mas a Professora Dorotea nunca me

deixou desistir, foram palavras como “tu consegue”, “tu é capaz”, “tá lindo o que tu escreveu, só tem que escrever” que me fizeram chegar aqui.

Paralelamente a isso, há que se destacar que as tecnologias estão completamente inseridas no nosso dia. É difícil ficar sem o celular, e passar um dia sem utilizar qualquer ferramenta tecnológica é muito mais. As novas mídias mudaram inclusive nossa forma de aprender, e deveriam também transformar nossa forma de ensinar. Participamos de práticas sociais no universo digital o tempo todo. Por exemplo, este trabalho de conclusão foi construído usando a ferramenta Google Docs, que permite que tanto eu, quanto minha orientadora, visualizemos, editemos e façamos comentários simultaneamente, sem precisar enviar e-mail com o documento anexado. Para que essa prática social de desenvolver o Trabalho de Conclusão acontecesse, não éramos obrigadas a usar o Google Docs, afinal, já sabíamos utilizar o Word, mas, devido às facilidades que essa ferramenta proporciona, optamos por nos apropriar dela, às vezes apenas testando e mexendo, outras recorrendo a fóruns e tutoriais na internet. E saber fazer isso, ou onde procurar ajuda, são práticas de letramentos.

Minha história, portanto, está ligado a ‘faltas de’ e acolhimento. Por essa razão, resolvi estudar a trajetória de Carlos. A partir da minha história de vida e do acolhimento que tive no meio acadêmico e dos estudos que venho desenvolvendo na iniciação científica a respeito do trabalho com tecnologias e identidade digital do professor em formação, primeiramente surgiu o problema “Qual o impacto do trabalho com tecnologias na formação de um professor que possui pouca familiaridade com elas?” por isso, além de responder a essa pergunta, este trabalho tem como objetivo identificar como o aluno (professor em formação) percebe as tecnologias na sua vida e seu uso em sala de aula, incorporadas ao ensino. Também procuro verificar se o cuidado do professor com o aluno faz diferença no seu processo de aprendizagem e com isso descrever o processo de transformação desse aluno-professor. Analiso o desenvolvimento de Carlos em uma disciplina semipresencial do curso de letras que tem como objetivo o trabalho ativo com tecnologias.

Este trabalho se encontra dividido em cinco partes. Neste primeiro capítulo de introdução, contei um pouco da minha história e do que me levou a pesquisar esse assunto, bem como as perguntas e objetivos de pesquisa. No segundo capítulo, da

fundamentação teórica, apresento os estudos de letramento, multiletramento e letramento crítico e também sobre narrativas digitais e identidade(s). Logo em seguida, no capítulo destinado à metodologia, descrevo como se deu a geração de dados, e todas as questões éticas envolvidas no trabalho. No capítulo 4, analiso e discuto os dados obtidos dialogando com as teorias apresentadas. E por fim, no capítulo 5, apresento os destaques que obtivemos na análise e como nosso estudo impacta na realidade atual das universidades no Brasil que se dedicam à formação de professores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, discutimos sobre pedagogia dos multiletramentos, narrativas digitais e identidade digital, veremos como as tecnologias vem influenciando nossas vidas e como isso vem afetando a maneira como aprendemos, e deveria também influenciar a maneira como ensinamos.

2.1 Pedagogia dos Multiletramentos

Antigamente nos comunicávamos através de cartas, depois o telegrama, aí surgiram os telefones fixos. Depois vieram os primeiros computadores, ainda sem a internet, e por fim os primeiros celulares, que apenas realizavam ligações, depois passaram a transmitir mensagens curtas, *short message service* (SMS) até o momento de hoje no qual fazemos tudo apenas com o celular. As novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) se tornaram indispensáveis no século atual onde tudo é muito dinâmico e rápido. Ninguém mais vive um dia sem celular, sem utilizar o WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter e tantas outras formas de comunicação e interação. O WhatsApp facilitou nossa comunicação por mensagens instantâneas. O Facebook virou um diário, e, para muitos, ferramenta de trabalho, assim como o Instagram e o YouTube. Inclusive nas reuniões do grupo de pesquisa do qual faço parte utilizamos o skype, hangouts e outras ferramentas para conectar nossos colegas pesquisadores que estão em outros estados. E assim, para interagir nesses novos “locais”, se torna necessário desenvolver novas competências e habilidades. Essas habilidades precisam ser desenvolvidas em sala de aula. As nossas salas de aula, ainda, pouco desenvolvem os novos letramentos. Um dos motivos pelos quais não são desenvolvidos em salas de aula é a falta de preparação que os professores recebem em sua formação e a falta de formação continuada. Claro que ainda temos os problemas de estruturas e falta de apoio ao trabalho dos professores e tantos outros problemas na educação brasileira.

Essas habilidades que precisam ser desenvolvidas serão chamadas aqui de letramentos. Letramento é definido pelo dicionário “Dicio” online como: “*Processo*

pedagógico de aquisição e domínio da capacidade de ler, escrever e interpretar textos; alfabetização: o nível de letramento dos alunos.” já para Rojo (2004):

ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. (Rojo, 2004, p 2).

Entendendo leitura e escrita como práticas sociais, letramento é ler e escrever para agir no mundo. Apesar de não ter passado pela experiência de ser aluna em um modelo não tradicional de ensino (o que me levou a um grande trabalho de desconstrução nos anos de graduação, e sabendo que a desconstrução é eterna), entendo ler e escrever como práticas sociais (letramento), dessa maneira, aprendemos a ler e a escrever para agir no mundo, e não como habilidades a serem observadas, e avaliadas. Não lemos e escrevemos para interpretar textos e responder perguntas nas questões de provas, e outras atividades acadêmicas e não acadêmicas. Lemos e escrevemos para participar das práticas letradas que envolvem e organizam nossa sociedade, como fazer compras em um supermercado, ir a banco, ler um livro ou qualquer outra atividade. Isso não significa que ler e escrever são necessárias em todas as atividades, mas aqueles que as realizam são letrados (para essas atividades) de alguma forma.

A escola, uma das principais agências de letramento, é um dos locais que nos prepara para viver em sociedade, para participar dessas práticas sociais do dia-a-dia, dessa forma, o relatório do Fórum Econômico Mundial (World Economic Forum), de 2015, traz 16 habilidades que os alunos (e futuros profissionais), precisam desenvolver para viver no século XXI, dentre elas estão, letramentos e numeramento básicos, a colaboração, a comunicação, a criatividade, a capacidade de resolução de problemas e de pensamento crítico, bem como qualidades de caráter, como persistência, curiosidade e iniciativa. Desenvolver essas habilidades é também uma tarefa para o professor, para que essas habilidades sejam desenvolvidas na sala de aula é necessário olhar, também, para a formação de professores.

Da mesma forma que o relatório Fórum Econômico Mundial traz as 16 habilidades que os profissionais precisam para viver no século 21. No documento “Alfabetização midiática e Informacional Currículo para formação de professores” proposto pela UNESCO ainda ressalta a importância de uma Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), começando pela formação de professores para que assim chegue às salas de aula. Segundo o documento da Unesco,

As mídias e outros provedores de informação, como bibliotecas, arquivos e internet, são amplamente reconhecidos como ferramentas essenciais para auxiliar os cidadãos a tomarem decisões bem informadas. São também os meios pelos quais as sociedades aprendem sobre elas mesmas, mantêm discursos públicos e constroem um sentido de comunidade. (UNESCO, 2013, p 16).

Inclusive, o documento reforça que as competências desenvolvidas através de uma AMI podem “equipar os cidadãos com habilidades de raciocínio crítico”. O documento também fala sobre a necessidade de começarmos a inserir AMI na formação de professores, “O fortalecimento da AMI entre os alunos requer que os próprios professores sejam alfabetizados em mídia e informação” e também,

Os professores alfabetizados em conhecimentos e habilidades midiáticas e informacionais terão capacidades aprimoradas de empoderar os alunos em relação a aprender a aprender (UNESCO, 2013, p 17).

E através da formação de professores conseguiremos, “alcançar um efeito multiplicador: de professores alfabetizados em termos informacionais para seus alunos e, eventualmente, para a sociedade em geral”.

Como se vê, apenas ler e escrever hoje já não são suficientes para (inter)agir em nossa sociedade atual. Para (inter)agir na nossa sociedade atual é necessário pesquisar, saber ler memes, fazer memes, postar fotos em uma rede social, produzir um vídeo, verificar se uma reportagem é verdadeira, e tantas outras habilidades. Para isso, são necessários novos letramentos, assim, Kersch e Lesley (em preparação) argumentam,

Ler e escrever efetivamente na sociedade contemporânea requer (novos) letramentos, que incluem práticas como procura, navegação, análise, comunicação, avaliação, pesquisa, comparação, acesso a informação, separação, revisão, colaboração, criação, busca, engajamento, interação, remixagem, e tantas outras, que são necessárias para participar ativamente neste mundo em transformação. (KERSCH; LESLEY, em preparação, tradução nossa).

Para as autoras o mundo atual requer novos letramentos. Esses novos letramentos envolvem muito mais que ler e escrever, envolvem desenvolver outras capacidades bem como o letramento crítico.

Para Janks (2014) uma educação voltada ao letramento crítico não só auxilia no desenvolvimento do aluno, mas abre espaço para a criação de uma sociedade mais justa, igualitária, e democrática. Segundo a autora, trabalhar a criticidade é de extrema importância porque

Uma abordagem crítica para educação pode nos ajudar a nomear e interrogar nossas práticas, de maneira a modificá-las. O letramento crítico concentra-se especificamente no papel da linguagem como prática social, e examina o papel desempenhado pelo texto e discurso na manutenção ou transformação dessas ordens. (JANKS, 2014, p. 349, tradução nossa).

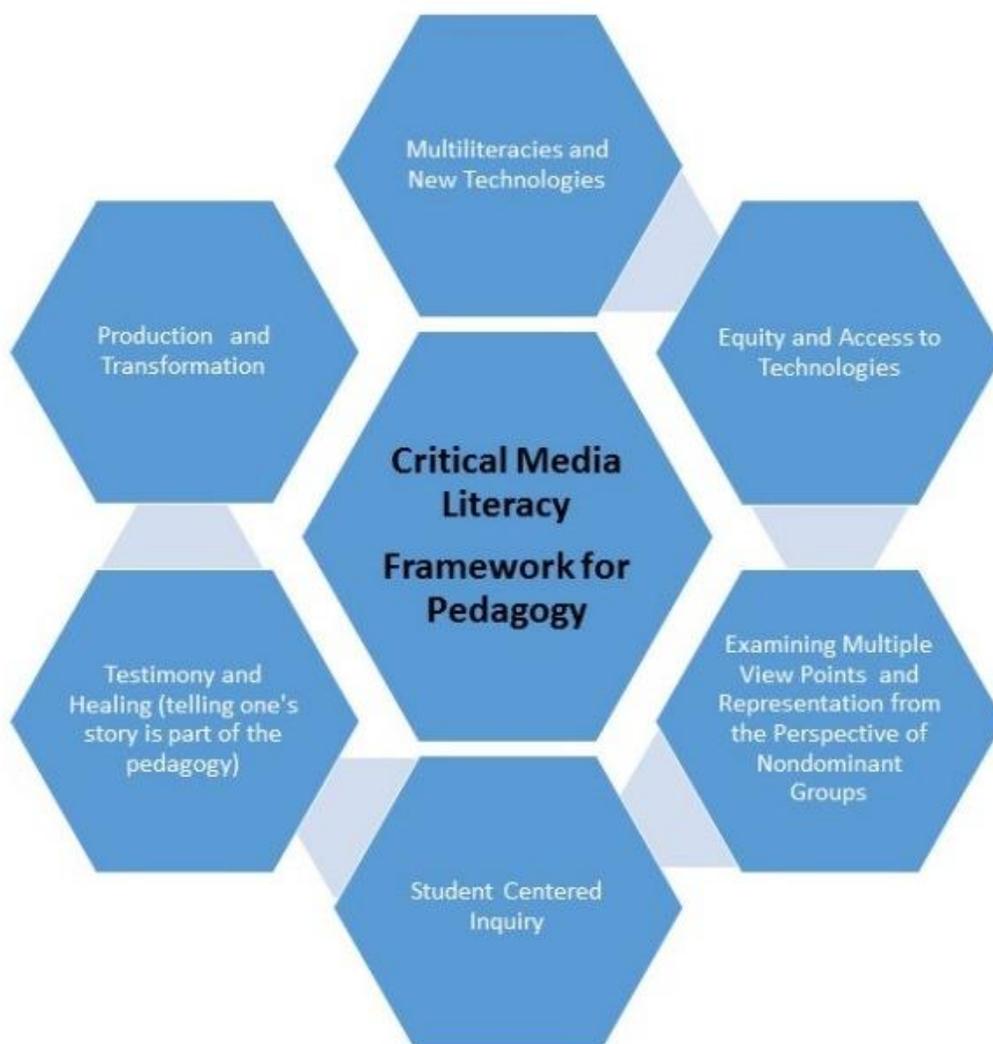
Assim, na prática, trabalhar com letramento crítico é fazer nossos alunos criarem consciência social. Janks ainda afirma que, como professores, essa é a nossa função, não nos cabe somente ensiná-los a interrogar o mundo, mas sim criar essa consciência social em nossos alunos. A autora destaca que, como professores, devemos ser capazes de:

1. Fazer conexões entre algo que está acontecendo no mundo e as vidas dos alunos.
2. Considerar o que os alunos precisarão saber e onde eles poderão achar as informações.
3. Explorar como a problemática é explicada nos textos e práticas.
4. Examinar quem se beneficia e quem é desvalorizado.
5. Imagine possibilidades de fazer uma diferença positiva.(JANKS, 2014, p. 350 tradução e adaptação nossa).

Da mesma forma, Kersch e Lesley (em preparação) propõem um modelo para o letramento midiático crítico, constituído de seis princípios que

são crucialmente interdependentes, e um sem o outro produz um desequilíbrio. Nesse sentido, é necessário preparar professores capazes de ajudar os alunos a analisar a cultura da mídia contemporânea como um resultado da produção social, criticar as representações e os discursos da mídia e, depois de tudo, usar a mídia como modos de expressão, capazes de promover a equidade e a justiça social. (KERSCH; LESLEY, em preparação, tradução nossa).

Esses princípios podem ser visualizados na figura abaixo:



Modelo para o letramento crítico midiático proposto por Kersch e Lesley (em preparação).

As autoras ainda ressaltam que os seis princípios que compõem o modelo para uma pedagogia para o letramento midiático crítico não são um esboço que deveria ser

implementado didaticamente nas práticas dos professores, mas que tal pedagogia depende da análise dos professores sobre a comunidade na qual os alunos estão inseridos, decorrendo desse conhecimento, portanto. É isso que definirá as necessidades e interesses dos alunos e afetar os objetivos educacionais e o currículo da escola.

Em suma, através do trabalho com letramento digital, e letramento crítico estaremos desenvolvendo habilidades que vão além do ler, escrever, interpretar textos e fazer redações, irão ser desenvolvidas habilidades como comunicação, resolução de problemas, colaboração, criatividade, pensamento crítico e dessa forma nos ajudará a construir uma sociedade mais igualitária. Para isso precisamos começar pela formação de professores, para criarmos esse ciclo no qual o Professor se apropria e assim leva pra sua sala de aula, onde os alunos se apropriam e assim a sociedade.

2.2 Narrativas Digitais

Os historiadores dividem a história do mundo a partir da escrita, mas não contestam que, mesmo antes dela, já havia muita história. Os desenhos nas cavernas, e os papiros contam muitas histórias, contam de onde viemos, e o que já havia aqui antes de nós. Contam a história da terra, e nós somos, desde sempre, fascinados em ouvi-las, contá-las e também desvendá-las para então poder contá-las. Contar histórias é tão comum na literatura, que, às vezes, nem nos damos conta de que estamos cercados de histórias. Nossas histórias de vida, nossos casos do dia-a-dia, são pequenas experiências que fazem parte da nossa história.

Através dessas histórias, nos informamos, divertimos, criamos laços, e inclusive nos construímos e reconstruímos, quando as compartilhamos. Essas histórias, ou narrativas são, para Bastos e Biar (2015) “discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social”. As narrativas, já são analisadas na literatura há muitos anos, mas as narrativas com que nos ocupamos aqui são aquelas definidas por Bastos e Andrade como histórias reais.

Antes da escrita, as histórias eram contadas oralmente. Depois, quando o homem começou a entender a importância dos registros, passou a se expressar

através de desenhos nas cavernas, até começarem a surgir as primeiras formas escritas, mas a contação de histórias sempre existiu. O jeito de contar essas histórias é que vem se modificando, principalmente a partir dos avanços tecnológicos dos últimos anos. No fim do século 20, e início do século 21 passamos a contar histórias não somente orais e escritas, mas também com vídeos, imagens (ou seja de maneira multimodal) e além de tudo ainda, com a internet, a compartilhá-las para todo o mundo.

Sempre fomos fascinados por contar e ouvir histórias, e, por isso, essas novas formas de contar e ouvir histórias são tão envolventes quanto as mais antigas que eram transmitidas oralmente, e também por isso ainda o fazemos, ainda que de outra forma. Nossas vidas estão cada vez mais indissociáveis do universo digital, por isso as práticas de letramentos a que nos referimos precisam passar também pelo digital, precisamos mostrar aos nossos alunos o que é ler e escrever para agir no mundo também no digital. As digital storytellings tem nos mostrado, em pesquisas anteriores (KERSCH; SANTOS, em preparação), que são uma das ferramentas onde se pode promover mais que apenas o uso da leitura e da escrita, mas também promovem outros letramentos. Ainda segundo Gachago et al (2009), a contação de histórias digitais (digital storytelling),

permite um processo mais integrado de adquirir letramento digital, por meio do qual alunos se engajam com uma variedade de ferramentas tecnológicas como e quando solicitado, então eles estão usando (e aprendendo) ferramentas para alcançar o propósito real, e não como habilidades que podem ser “verificadas” quando concluídas. Isso por sua vez, permite que os alunos aprendam, *com* ao invés de aprender *das* tecnologias. (GACHAGO et al, 2009, p.963, tradução nossa).

Aprender *com*, e não *das* tecnologias se torna fundamental em um mundo em que a informação está a um clique de “distância”. Sendo assim, promover eventos de letramento na universidade e na escola é muito mais que necessário para prepararmos os cidadãos para agir no mundo atual.

As pesquisas com histórias digitais começaram a ser desenvolvidas pelo *Center for Digital Storytelling* - CDS, coordenado por Joe Lambert, da Universidade de Berkeley, Califórnia. Desde 1993, o CDS tem trabalhado com aproximadamente 1.000

organizações ao redor do mundo e treinou mais de 15.000 pessoas na arte de contar histórias digitalmente. Contar histórias digitais, ou *digital storytelling* “refere-se ao uso de mídias digitais para produzir e disseminar histórias” (DAVIS E FOLEY, 2016, tradução nossa). Para Davis e Foley (2016), uma *digital storytelling* deve ser um produto multimidiático curto do tipo pensado pelo CDS: uma narração, em torno de três minutos, contando a história, acompanhada de imagens visuais que podem ser vistas na tela, sendo assim, uma produção multimodal.

Outros autores ainda têm uma visão mais ampla do que seja uma *digital storytelling*, como uma postagem no Facebook, no Twitter, em um Blog e inclusive Podcasts, como vemos no artigo “Storytelling e Mídias Digitais: uma análise da contação de histórias na era digital” (ALVES, 2012).

Em síntese, contar histórias é revivê-las, e, fazendo isso, estamos refletindo sobre o que essas experiências nos trouxeram, ressignificando os aprendizados. Abrir espaço para que essas histórias sejam contadas em sala de aula é dar voz e autonomia para os alunos. Fazendo isso no meio digital, de maneira multimodal, ou seja com imagens, sons, alimenta a criatividade dos alunos, e faz com que, no processo de fazê-las, eles desenvolvam outras habilidades como aprender a aprender, aprender a fazer, resolver problemas, entre outras. Através da trajetória de Carlos, queremos mostrar que o trabalho com tecnologias de forma ativa, também na formação de professores, possibilita uma ressignificação do profissional que estamos formando para sala de aula.

2.2 Identidade

Estamos inseridos em diversos contextos sociais distintos, e em cada um desses contextos não somos as mesmas pessoas. Gee (2001) argumenta que em cada um desses contextos somos diferentes “tipos de pessoas”, e esses tipos de pessoas são nossas identidades. Seja em casa, ou no trabalho, não nos comportamos, falamos, ou agimos da mesma maneira, em cada um desses contextos “vestimos” uma de nossas múltiplas identidades. Gee (2001) e também Moita Lopes (2006) concordam que possuímos essas múltiplas identidades e que as alternamos de acordo com os contextos sociais a quais estamos inseridos.

Moita Lopes (2006) argumenta que não somos responsáveis, ao menos conscientemente, pelas escolhas das nossas múltiplas identidades. Nossas identidades são reflexo das nossas experiências. Conforme adquirimos experiências, e pensamos sobre elas e as repensamos, amadurecemos e, com isso, nos transformamos e também nossas identidades são transformadas. Assim, para Moita Lopes (2006), cada experiência que vivemos como alunos nos modifica a partir do momento que refletimos sobre elas; da mesma maneira, as nossas outras identidades se modificam da mesma forma. Não somos os mesmos alunos de quando estávamos na escola, e acredito (por experiência própria) ainda que não somos nem as mesmas pessoas que éramos quando iniciamos no curso de Letras. Nossas experiências dentro do curso, as leituras, as disciplinas modificam nossas identidades, e isso reflete na identidade de professores que queremos ser.

Gee (2001) ainda vai além. Em seu estudo, revela quatro diferentes formas de identidades que todos possuímos. Segundo Gee (2001), a primeira já nasce conosco e é a que ele chama de identidade natural (N). A segunda diz respeito aos papéis que assumimos em sociedade e é chamada de identidade institucional (I). A terceira fala que somos o que somos por nossas conquistas, e como elas são reconhecidas pela sociedade, identificada como identidade discursiva (D). E a quarta revela que somos quem somos por causa de quem escolhemos conviver, que ele chama de identidade por afinidade (A). Todos esses “tipos de pessoas” se relacionam, nenhuma se separa completamente da outra.

Expressamos quem somos, cada uma de nossas identidades através do que falamos, escrevemos e até do que vestimos. Gee (2001) só não identificava em 2001 que possuiríamos também identidades digitais. Da mesma forma que quando escrevemos, falamos e expressamos nossas identidades, também escrevemos no mundo digital, e assim deixamos marcas de nossas identidades também ali. Para Kersch; Santos (em preparação), também deixamos marcas de nossas identidades no mundo digital quando curtimos uma página no facebook, compartilhamos uma postagem, vídeo ou notícias.

Para Barton e Lee (2015), “identidade online não diz respeito apenas a quem somos, mas também a quem queremos ser para os outros, a como os outros nos

veem”. Para Gorospe (2015), identidade digital pode ser inclusive o que o google sabe sobre nós, ou ainda “como o conjunto de informações sobre um indivíduo ou organização exposta na Internet”. Por isso acreditamos, assim como Kersch; Santos (em preparação) que, diferente das nossas identidades “fora do mundo digital”, possuímos mais controle sobre nossas identidades digitais, principalmente porque quando estamos no mundo digital, podemos editar, escrever, reescrever, apagar quantas vezes for necessário até mostrarmos apenas a identidade que queremos mostrar.

Já a nossa identidade docente digital, para Correa Gorospe (2015), é

não somente falarmos de nossas impressões, ou de nossa reputação na rede, mas um processo dinâmico e permanente que implica dar significado e reinterpretar as próprias crenças, valores e experiências a luz de novos contextos e enquadramentos de relações na sociedade contemporânea; (...) e sobre o que significa ser docente e o tipo de docente que se quer ser em uma sociedade caracterizada pela digitalização da experiência humana, que frente a outros momentos históricos anteriores oferece novas formas de acesso ao conhecimento e novas formas de representação, colaboração, comunicação e aprendizagem. (CORREA GOROSPE, 2015, p 47.).

Assim, identidade docente digital não diz respeito sobre aquilo que o professor mostra em suas redes sociais ou no Google por exemplo, mas sobre o que queremos ser e oportunizar em nossas salas de aula, da mesma forma que a escola prepara o aluno para a vida em sociedade, precisamos levar em conta que “Você não pode separar a rede da vida real. O digital adiciona o real. Não há substituição, eles interagem. O analógico e o digital vivem em um único mundo” (Gorospe, 2015) quando não levamos o digital, quando não preparamos nossos alunos para essa nova vida em sociedade, estamos de alguma maneira, excluindo-o dela. Repensar o docente que queremos ser é fundamental, e é na universidade que isso deve começar.

Em síntese, essas múltiplas identidades estão conosco a todo momento, mudando e se manifestando de acordo com nossos contextos. E a cada nova experiência, elas se modificam ressignificando cada experiência, tanto no mundo “real” quanto no digital. Cabe ao professor (seja ele formador de outros professores, ou

formador de cidadãos) oportunizar espaços em que possa haver essas ressignificações.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é qualitativa e interpretativista. Trata-se de um estudo de caso. O estudo de caso permite, como o nome já diz, um estudo detalhado de um caso, podendo ser uma pessoa, um grupo, etc. O estudo de caso tem como objetivo compreender uma situação, um fenômeno, por meio do qual se acredita poder explicar outras situações e fenômenos similares (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Os dados foram gerados em uma disciplina semipresencial do curso de Letras em uma universidade privada do sul do país. A disciplina é optativa, portanto nem todos os alunos do curso necessitam cursá-la. A disciplina tinha como um dos objetivos a produção de gêneros multimodais da esfera digital aplicados ao ensino de línguas. Estavam matriculados 16 alunos, com faixa etária entre 20 e 40 anos de idade, todos em seus semestres finais da graduação. Para fins desta pesquisa, escolhemos o aluno Carlos, que faz parte de uma nova realidade nas universidades, alunos com pouco ou quase nenhum acesso a tecnologias, e outros recursos, e que entram na universidade através de programas de bolsas, como se verá adiante.

Carlos tem 33 anos. É o filho mais novo dentre 11 filhos. Seu pai faleceu quando ele ainda era criança, e sua mãe, com poucas condições financeiras e sem saber ler e escrever, criou os 11 filhos lavando roupas “para fora de casa”, sem máquina de lavar. Carlos, no momento em que cursava a disciplina e foram gerados os dados, era um aluno que estava em condições financeiras limitadas, desempregado, sobrevivendo apenas com empregos temporários. Era o primeiro de sua família a chegar à universidade, que lhe era permitido cursar porque possuía uma bolsa do Programa Universidade para Todos (PROUNI), com 100% de bolsa. Logo no início da disciplina, demonstrou enorme dificuldade em realizar as atividades propostas na disciplina. Carlos não tinha computador em casa, apenas um tablet, que o limitava numa série de tarefas. Tinha pouca afinidade no uso das tecnologias digitais.

Os dados a serem usados nesta disciplina são decorrentes de diferentes instrumentos descritos na sequência: a tecnobiografia que Carlos produziu da sua relação com as tecnologias, duas entrevistas - uma realizada ao início e outra ao fim da

disciplina - as mensagens trocadas no messenger de uma rede social com a professora, e o relato produzido pelo aluno no final da disciplina.

O trabalho com a tecnobiografia foi uma atividade de fechamento do primeiro bimestre. A tarefa era produzir um vídeo de 3 minutos contando a história de sua relação com a tecnologia. Para essa tarefa, os alunos foram convidados a utilizar o programa Movie Maker. De modo que pudessem usar essa ferramenta, foram disponibilizados alguns tutoriais para os alunos. Foi-lhes facultado ainda utilizar a ferramenta Prezi, para a qual já haviam recebido capacitação. Era da escolha dos alunos a escolha do programa para a produção de seu vídeo.

Após a tecnobiografia os alunos foram convidados a comentar o processo de feita, relatando como fizeram, as dificuldades que encontraram, e também como viam possíveis usos em sua sala de aula, esse relato será analisado aqui.

Antes mesmo de iniciar o semestre acadêmico, foi enviado aos alunos um *forms* (formulário digital), com o intuito de saber como os alunos se relacionavam com a tecnologia, quais eram as ferramentas que utilizavam e também se contribuía com alguma ferramenta ou plataforma online. Os dados provenientes desse formulário não serão analisados aqui, mas a partir dele foram geradas as questões para as entrevistas.

A primeira entrevista tinha como objetivo saber um pouco mais o que os alunos entendiam como tecnologia, e também quais mais utilizavam, e para as quais contribuía ou com as quais colaboravam. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com todos os alunos participantes e particularmente com Carlos realizamos duas entrevistas, uma ao início da disciplina, e outra ao fim. A história e trajetória dele durante a disciplina nos levaram a realizar a segunda entrevista. A segunda entrevista, com o objetivo de perceber a transformação de Carlos, foi realizada uma segunda entrevista, após o fim da disciplina. E tinha como objetivo ver a transformação dele como Professor.

Disciplinas semipresenciais ou completamente EaD, no âmbito universitário possuem um alto índice de desistência. Muitas vezes, os alunos se matriculam tendo uma ideia da disciplina, por acharem que será mais fácil por ser a distância, ou por que é a que encaixa no horário que eles têm disponível. Essa disciplina, entretanto, por ser

no formato b-learning, possui uma abordagem diferente: a busca por transformação começa pela professora, que sempre está em contato com os alunos para saber como estão as atividades, por que o aluno não entregou a atividade, ou ainda com algum eventual desistente para saber por que desistiu, estimulando-o a voltar. Sendo assim, aqui também serão analisadas as trocas de mensagens da professora com o aluno Carlos.

Ao final da disciplina, os alunos são convidados a escrever uma resenha avaliando sua experiência, deixando não somente suas histórias, mas também suas sugestões de melhorias. Essa resenha do aluno também será analisada neste trabalho.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo verificar como o trabalho com tecnologia usada de forma ativa no curso de Letras impacta as concepções do aluno-professor sobre si mesmo e sobre o que almeja como futuro profissional. Nesse sentido, como descrevemos na metodologia, vamos acompanhar a trajetória de letramento de Carlos na disciplina que cursou, verificando seu posicionamento em cinco momentos: uma entrevista no início da disciplina, troca de mensagens com a professora no messenger do Facebook, a resenha final elaborada para o fechamento da disciplina, o relato a respeito do trabalho com tecnobiografia e uma entrevista feita após ter terminado a disciplina. Ao longo das manifestações de Carlos, vamos verificando como suas concepções vão se resignificando. Na primeira entrevista, ele demonstra ser um usuário ativo de tecnologia e ter uma certa afinidade com elas. Isso não se confirma nas trocas de mensagens, na resenha final e na segunda entrevista.

Quando, na primeira entrevista, é perguntado a respeito do uso de tecnologias e como isso impacta o seu dia, ele afirma:

C: Ah, eu sempre acesso o face né! Redes sociais.

E: Como isso continuou durante o dia?

C: Ah, isso aí é direto né, tem que dar uma paradinha pra espiar, pra pesquisar alguma coisa, né?! (Carlos - primeira entrevista)

A fala de Carlos nos traz evidências de que, primeiramente as tecnologias fazem parte do seu dia-a-dia, afinal ele diz “isso aí é direto né, tem que dar uma paradinha pra espiar”, o que demonstra a necessidade de estar sempre conectado e, como ele diz, espiando o que está circulando nas redes. Carlos também utiliza o tablet para as suas atividades pessoais e acadêmicas. Segundo, o uso das redes sociais está presente no dia-a-dia do aluno, pois, sempre acessa o facebook.

Além disso, Carlos também considerava que tinha afinidade com a tecnologia pois entrava cedo na era tecnológica, aos 12 anos, iniciando com videogame:

E: *Teu primeiro videogame?*

C: *ah, faz muito tempo.*

C: *Eu tinha uns 12 anos, era Super nintendo, não o Atari aquele sabe?* (Carlos - primeira entrevista)

Carlos se dizia familiarizado com a tecnologia, afinal, aos 12 anos já jogava Atari, que não era mais o “video game do momento”, mas que, para a situação da maioria das famílias brasileiras na época, não era uma realidade, por isso, inclusive, ele ainda não se demonstrava como pertencente a algum grupo “excluído” da sociedade. Mas, na segunda entrevista com Carlos, realizada ao final da disciplina, vamos conhecer um pouco mais da sua história:

*“A minha história familiar não é muito comum, né, como muitas pessoas hoje em dia... **eu fui criado pela minha mãe que ficou viúva muito cedo**, né. Meu pai faleceu quando eu tinha 11 meses em acidente e **minha mãe era analfabeta**, né, então ela, a partir dali, **ela criou 11 filhos comigo lavando roupa sozinha até vim a pensão dela**. Meu pai era da CEE, né, então ninguém lia ali, ninguém leu, **todos estudaram até quarta, quinta série e só eu que continuei nos estudos**, e uma irmã que chegou a fazer magistério, mas não exerceu.”* (Carlos - na segunda entrevista, depois de concluir a disciplina)

Carlos, como descrevemos no capítulo metodológico, chegou à universidade por causa de programas sociais como o PROUNI (Programa Universidade para Todos), e como vimos em seu depoimento, foi o único em sua família a continuar a estudar, e o primeiro a chegar à universidade.

Carlos nasceu entre as décadas de 80-90 e, assim, já poderia ser considerado nativo digital. Aparentemente iniciou seus contatos com a tecnologia cedo, e foi como nativo digital que ele se apresentou na sua primeira entrevista, quando perguntado sobre o uso das redes, e sobre sua interação com o mundo digital ele:

E: hãã, quais os sites que tu mais usa?

*C: **Uso bastante o facebook né. gosto de pesquisar direto no google, né, notícias, jornais, qualquer coisa que me deixe a par do que ta acontecendo no mundo.***

E: E com quais desses sites, que tu mais usa assim, tu já contribuiu?

C: Já contribui dando opinião sobre uns casos polêmicos assim, umas notícias que eu não gostei que eu achei assim, que tava errada. Dessa maneira assim né.

E: Já comentou uma noticia, tu acabou de falar, e um produto assim?

*C: **Sim, porque se eu não gosto, eu sou muito crítico, ou eu apoio, ou eu dou minha opinião, né?***

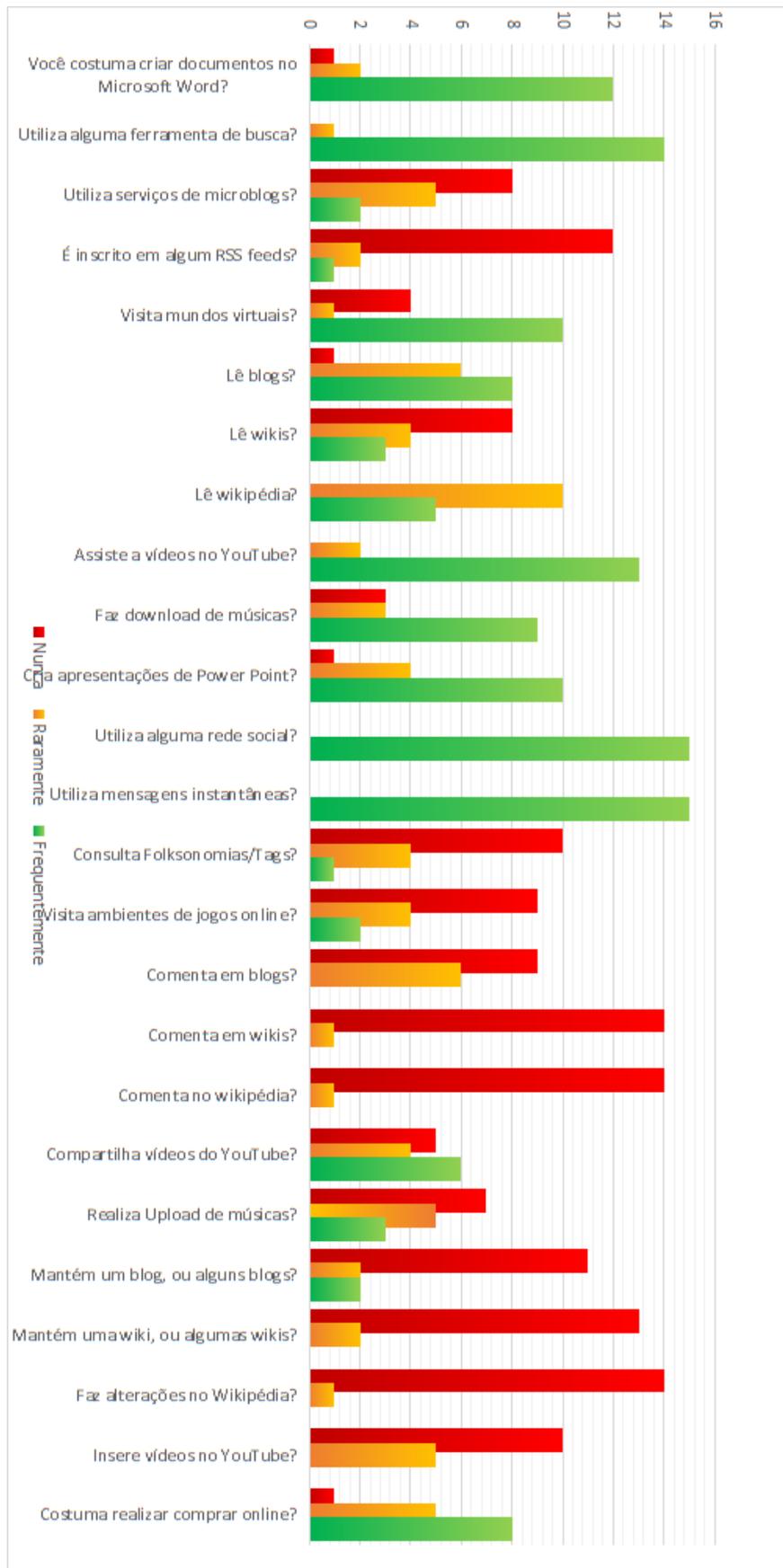
E: Já comprou pela internet?

C: Já comprei, mas não comprei mais ultima... assim, não tenho o hábito

E: Qual foi tua primeira rede social?

*C: ah foi, **o Orkut** (risada) (Carlos - primeira entrevista)*

Ao mesmo tempo em que Carlos demonstra ser um ativo usuário de tecnologia, ele parece entender como tecnologia restrita às redes sociais. Carlos, como grande parte da sua turma (como vemos no gráfico 1, gerado a partir das respostas ao questionário realizado antes do início das aulas), se enquadra no perfil de consumidores. Oakley et al (2013) consideram que algumas pessoas, apesar de poderem ser consideradas nativas digitais, fazem uma utilização limitada das redes e da tecnologia, ou como vamos chamar aqui de *consumidor*, que apenas utilizam as redes, e consomem o que é produzido por outros.



No gráfico acima, adaptado de Oakley et al (2013), fica evidente os alunos que frequentaram a disciplina eram *consumidores*, pois, até a pergunta 14, as questões estão relacionadas apenas a consumo, e a grande maioria das questões foram respondidas com “frequentemente”. A partir da questão 15, as perguntas dizem respeito à produção de conteúdo na internet, e então conseguimos notar que a maioria das respostas são “nunca”, ou seja nossos alunos consomem muito o que está na rede, mas pouco, ou nunca produzem.

Na era em que a Internet é a maior fonte de notícias, todas os acontecimentos já se transformam em notícias em minutos. E, muitas vezes, em minutos, não é possível nem checar informações. Estamos cercados de notícias falsas o tempo todo¹, a busca por “likes” levam as pessoas a compartilharem inúmeras notícias sem buscar a fonte, ou a questionar a veracidade delas. É papel do professor, portanto, ajudar os alunos no desenvolvimento dessas competências. Carlos, inclusive, diz que “*porque se eu não gosto, eu sou **muito crítico**, ou eu apoio, ou eu dou minha opinião*” mas, apenas dar a sua opinião não é suficiente para ser crítico, é necessário questionar a veracidade, e checar fontes.

Buckingham (2006) argumenta que são partes essenciais da competência digital a capacidade de avaliar e usar informações criticamente, e também de entender o papel da tecnologia e do desenvolvimento tecnológico em uma perspectiva social, política e econômica. As *fake news* que circulam a internet exigem do leitor uma postura mais crítica, e, para isso, é necessário trabalhar com letramento crítico (JANKS, 2014) e letramento midiático crítico (KERSCH E LESLEY, em preparação) se torna tão importante, não só com os alunos na escola, mas na formação de professores, para que esses professores sejam capazes de realizar um trabalho dessa natureza quando forem para a sala de aula.

Carlos poderia ser considerado um nativo digital. Segundo Prensky (2012), são aqueles que já cresceram com as mídias e acompanharam suas evoluções. Prensky ainda divide os nativos digitais dos imigrantes digitais, que são aqueles que não

¹ No momento em que escrevo este TCC, notícias mostram o poder da circulação de notícias falsas, que teriam sido disparadas pelo candidato Jair Bolsonaro, em relação ao candidato Fernando Haddad (por exemplo [www.https://veja.abril.com.br/politica/tse-manda-tirar-do-ar-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay](https://veja.abril.com.br/politica/tse-manda-tirar-do-ar-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay))

criaram com ela, mas precisaram se adaptar a ela. Mas apesar dessa aparente condição, Carlos apenas consumia o que via na rede, ele não produzia, não participava ativamente desse mundo digital, como a maioria dos seus colegas. Oakley et al (2013) argumenta que essa limitada familiaridade com tecnologias e com redes sociais questiona a noção de nativos digitais. Já para Johannesen et al (2014), a condição de nativo digital e imigrante digital “não é necessariamente uma questão de geração ou idade, mas também de gênero, classe social, educação, contexto cultural e afins”, o que fica evidenciado pelo background de Carlos, que filho de mãe sem escolaridade, como ele demonstra na resenha que faz da disciplina (*hoje sei que um ex faxineiro, filho de uma analfabeta pode ser um mestre...*).

Quando, na disciplina, é desafiado a usar ferramentas digitais para produzir conteúdo, pensar em usar essas ferramentas em sala de aula, ele demonstra grande dificuldade. Como vemos a seguir, ele encontra grande dificuldade em utilizar as ferramentas, porque, de fato, seu contato se resumia à navegação nas redes sociais, ainda que tentasse, na primeira entrevista, como vimos acima, criar uma imagem de ‘entendido’.

Logo na primeira atividade, Carlos nos mostra que pouco sabe, mas que tem muita vontade de aprender. A primeira atividade da disciplina era a criação de um site, através da ferramenta Google Sites, do Google. A ferramenta não é muito difícil, claro que depende também da afinidade que possuímos com as tecnologias. Carlos precisou criar 3 sites, e somente na terceira tentativa conseguiu cumprir a tarefa. Segundo ele, o primeiro “não deu muito certo” o segundo desapareceu, e o terceiro então finalmente foi concluído.

*“e eis aí o resultado....aff...aliás **este já é meu terceiro hahahahahaha**, iniciei no Sway mas não deu muito certo, fiz outro e bastante completo aqui mesmo pelo Google sites que simplesmente desapareceu...mistério!!! não sei até agora o que houve, pois deletar eu não sei hahahahahaha”* (Carlos - na resenha da disciplina)

Carlos se mostra bem-humorado e se sente feliz por ter chegado a um resultado positivo. Carlos precisou passar pela experiência de fazer o seu site três vezes, mas se

demonstra feliz em ter conseguido, e até brinca em relação ao segundo site que desapareceu, pois ele não sabe deletar, então ele não pode ter sido o problema. Segundo Wenger (1998), aprendemos através das nossas experiências, e quando trabalhamos com tecnologias, só experienciamos quando nos desafiamos a utilizá-las, então o *fazer* - fazer o site, fazer o vídeo - proporcionou experiências e, a partir delas, construiu aprendizagem. Por isso, para Carlos, foi importante fazer o site 3 vezes, é a partir dessa experiência que ele começou seu aprendizado. A partir da terceira tentativa, quando o site realmente abriu, não sumiu ou teve qualquer outro problema, Carlos foi capaz de resolver o problema e, fazendo, ele se tornou capaz de aprender, e de resolver os problemas que teve no processo. Kersch e Santos (em preparação), no trabalho com tecnobiografias, identificam o desenvolvimento de três capacidades - fazer, aprender, e resolver problemas - que também podem ser identificadas ao se avaliar a participação de Carlos na disciplina. Para as autoras, o desenvolvimento dessas capacidades leva à reconstrução identitária. Conseguimos enxergar esse mesmo desenvolvimento de capacidades na trajetória de Carlos - quem ele era (consumidor de conteúdo de redes sociais, pouco familiarizado com uso de tecnologias para produção de conteúdo) e quem ele passa a ser (consciente da necessidade de integração de tecnologias ao ensino).

A partir do momento em que Carlos começa a experienciar e a trabalhar com tecnologias, vão surgindo os problemas, os desafios que ele precisa enfrentar em cada etapa. E, para resolver os problemas que ele encontra, ele vai descobrindo novas formas de aprender. Carlos era um aluno que não se intimidava para pedir ajuda. Quando teve dificuldades na realização das tarefas, sempre buscava a professora para ajuda, ou procurava resolver suas dúvidas inclusive no messenger do Facebook:

*Carlos: Queria pedir se em algum dia da semana que vem, menos segunda a noite uma das meninas que ajudam a senhora **poderiam tirar um tempo pra me ajudar nas tarefas**, então eu iria pra (omitido) e encontraria uma delas, seja qualquer horário, depende delas. (Carlos - diálogo no messenger do Facebook)*

Pedir ajuda é uma forma de resolver os problemas que aparecem no dia-a-dia, e no trabalho com tecnologias também. Claro que isso foi um processo. Carlos precisou se sentir acolhido para pedir ajuda. Quando Carlos encontrou os primeiros obstáculos no uso das ferramentas, pensou em desistir:

*“eu **não sou uma pessoa muito tecnológica**, que eu sei o básico, né. Então pensei, até, em **desistir**”* (Carlos - na resenha da disciplina)

Carlos revela aqui que, por não ser uma pessoa muito tecnológica e encontrar tantas dificuldades em trabalhar com a tecnologia para desenvolver as tarefas propostas na disciplina, pensou em desistir. Mas, ao invés de desistir, resolveu pedir auxílio à professora. Sabemos que nem sempre os alunos recorrem ao Professor para pedir ajuda, principalmente no ensino superior. Alguns recorrem a tutoriais, e outras formas, mas como Carlos encontrou na professora uma pessoa com quem podia contar. Como ela sempre entrava em contato com os alunos para saber sobre as tarefas, ajudando-o quando solicitado, ele se sentiu à vontade para que quando necessitasse fosse até ela. Isso mostra a necessidade de o professor mudar a sua atuação em sala de aula, não apenas ‘dando’ a aula, mas construindo conhecimento com seus alunos. Também quando ele se mostrava incapaz de realizar as tarefas, o incentivava, como mostra a troca de mensagens no messenger:

*Carlos: Que dia pode ser professora? **Mas preciso de um auxílio***

*Professora: depende a ajuda que tu precisa, **porque tu tens que fazer tu é competente!** não precisa ninguém fazer para ti* (Carlos e professora - diálogo no messenger do Facebook)

Pedir ajuda à Professora foi a maneira que ele encontrou de resolver o problema que ele tinha na realização das tarefas. Mas o cuidado que a Professora teve com Carlos, de o incentivar a realizar as tarefas, e de o acolher, fez com que Carlos continuasse. A Professora também o encorajava a continuar, como mostra a troca de mensagens no messenger do Facebook:

*Professora: **tu viu o feedback dos colegas sobre teu site?***

*Professora: **Amei!***

Carlos: Não vi...sério???

*Professora: já pensou se um professor faz isso com seus alunos... com aquele aluno perdido... e de repente ele se sobressai tá nos feedback do Moodle **e o legal é que tu tá aprendendo na disciplina***

*Carlos: E tem vários aluno por aí perdidos que **às vezes não tem esse alento**, muito acabam desistindo e isso é muito triste professora. (Carlos e professora - troca de mensagens no Messenger do Facebook)*

Quando a Professora pergunta se ele viu o feedback dos colegas, e logo em seguida diz “amei,” ela o motiva a continuar, e destaca o bom trabalho que ele vem fazendo. Carlos fala que existem alunos perdidos que não recebem “esse alento” porque se identifica com esses alunos *perdidos*, mas que está recebendo esse alento da professora.

Uma das atividades da disciplina exigia que os alunos fizessem uma tecnobiografia, que como descrevemos na metodologia, para essa atividade os alunos foram instruídos a utilizar o movie maker ou alguma outra ferramenta que se sentissem confortável, e precisavam contar a história da sua relação com as tecnologias. Nessa atividade, Carlos reforça seu começo com as tecnologias assim como já havia falado nas entrevistas. Vemos como mesmo com dificuldades ele realiza as atividades, da maneira que conseguem, e o aprendizado que isso causa.

*“VÍ essa aula como uma superação, pois mesmo sendo um vídeo muito simples **feito pelo celular acredito que tenha me superado, mesmo passando por dificuldades (...)** Baixei um programinha no celular chamado Criador de Vídeos e Slides e fiz algo muito simples, mas de coração, com bastante dedicação. **Aprendi a usar o programa de vídeo e creio que será muito útil na minha jornada acadêmica e***

profissional. Certamente dá para realizar inúmeras coisas em sala de aula como também fora dela, poderia gravar aulas, fazer pequenos filmes curta metragens com os alunos, encenar histórias, contos, além de realizar estudos de modo bastante dinâmico.” (Carlos - no relato sobre a tecnobiografia)

Carlos, como não tinha muitos recursos, não tinha um computador em casa, não podia utilizar o movie maker, mas encontrou uma alternativa para resolver, não conseguiria fazer grandes edições, mas baixou o aplicativo “Criador de Vídeos e Slides” onde ele conseguia inserir algumas imagens e fazer algumas edições, preparou um pequeno roteiro, e se colocou à frente da câmera do próprio celular para contar a sua história. Mas ainda assim conseguimos ver grandes aprendizagens, e reconstruções quando ela fala sobre essa atividade. Ele pensa sobre a atividade e o programa podem ser usado em sala de aula, e sobre outras formas de aprendizagem:

“A experiência em fazer o vídeo foi difícil no início, passei dois dias tentando, fiz algo muito simples, mas sei que posso aprender e fazer algo muito maior, basta estudar e buscar essa aprendizagem, não só em sala de aula, mas com os professores, colegas, amigos e mesmo sozinho, é muito gratificante buscar novos desafios”
(Carlos - no relato sobre a tecnobiografia)

Para Gachago et al (2009), as histórias digitais, por utilizarem as tecnologias, proporcionam esse engajamento do aluno com as ferramentas, possibilitando esse aprendizado. Proporcionando aos alunos no processo de fazê-las aprendam *com* as ferramentas, e não *delas* nos mostrando novas forma de aprendizado.

Para Carlos, que não tinha os mesmos recursos, ou até a mesma afinidade com tecnologia que seus colegas, a disciplina se tornou um grande desafio, mas como grande parte dos desafios que encontramos na vida, temos sempre duas escolhas, enfrentá-los ou desistir. Mas essa disciplina, como falamos na metodologia, tinha uma proposta muito diferente de outras disciplinas oferecidas na modalidade EaD. Além do uso de tecnologias de forma ativa, a professora estava sempre em contato com os

alunos quando os sentia desmotivados, quando possuíam tarefas atrasadas, dando feedback constante. No caso de Carlos, esse cuidado fez toda a diferença. Além de ele se sentir à vontade para enviar mensagens pedindo ajuda, também foi fundamental para que ele não desistisse. Sempre que solicitava, encontrava palavras de acolhimento, de ajuda e de incentivo para continuar. Kersch e Lesley (em preparação) falam sobre “hosting and healing”, argumentando que, quando encontramos alunos como Carlos, o acolhimento (hosting) faz parte do processo de cura (healing), para que eles sejam capazes de acreditar neles mesmos.

Entendemos que, para a criação de uma sociedade mais justa e igualitária, precisamos oportunizar a todos situações similares para alcançarem o objetivo. No caso de Carlos, ele não possuía as mesmas condições financeiras e as oportunidades que a grande maioria dos seus colegas tinham. Carlos precisava “percorrer um caminho um pouco maior para chegar no mesmo lugar”. Considerando seu contexto de exclusão, Carlos também não se considerava tão inteligente quanto os demais:

*“me sentia tímido em diversos momentos pois me achava **diferente dos demais colegas, me achava ‘burro’** ” (Carlos - na resenha da disciplina)*

O carinho, o encorajamento, o acolhimento da professora o ajudaram a acreditar que era capaz. Isso foi fundamental para que ele mudasse o que pensava, não somente sobre o trabalho com tecnologias, mas também sobre si mesmo. A professora sempre o motivou a continuar, e isso foi fundamental para que o aluno não desistisse da disciplina, e na resenha final elaborada para o fechamento da disciplina, ele revela a vontade de desistir, e um dos motivos pelo qual não desistiu:

“Na primeira tarefa, criação de um site...o pânico, o medo de fracassar foram imensos, mas muitas vezes com lágrimas nos olhos e pensando em desistir tive na professora (omitido) o mesmo carinho e acolhimento de uma mãe zelosa”

*“Desculpem pelas vezes em que fui fraco, em que estive ausente, **mas foram vocês que não permitiram que eu parasse no meio da jornada**”* (Carlos - na resenha final da disciplina)

O acolhimento que Carlos teve na disciplina foi fundamental para que ele não desistisse e, assim, desenvolvesse as capacidades que o trabalho com a tecnologia proporciona, e também para que repensasse sobre si mesmo, e sobre como ele era capaz de, “mesmo não sendo uma pessoa muito tecnológica” aprender a utilizar os programas, e perceber que utilizar tecnologia na sua sala de aula de professor pode ser muito mais que apenas fazer um *power point* para sua apresentação.

*[A Professora] Sempre me dando força, não, **tu vai conseguir, né, e foram várias ferramentas que eu não conhecia. Jamais pensaria conhecer o que eu aprendi nessa cadeira. O que foi importante para mim foi tudo, porque coisas que eu podia usar na minha vida acadêmica, e na vida pessoal, no futuro como professor, ferramentas que hoje eu sei, né, que eu posso usar, que eu tive acesso. Pra mim foi um achado essa disciplina, foi muito bom mesmo, muito gratificante, né, posso dizer que foi uma das melhores que eu já cursei aqui...*** (Carlos - na resenha final da disciplina)

Todo o contexto externo de Carlos fez com que ele não acreditasse em si. Ele achava que não fosse capaz de utilizar todas aquelas ferramentas, e, como vimos, até pensou em desistir (talvez até pela sua história de exclusão), mas o cuidado que a professora teve com ele, sempre o acolhendo, incentivando e o encorajando, fez com que ele seguisse, com que ele começasse a acreditar nele, fizesse as atividades e desenvolvesse as capacidades que o trabalho com as tecnologias proporciona.

Carlos entendeu que ser professor é estar sempre buscando conhecimento e que, na época em que vivemos, não há como fugir das tecnologias,

“E levo como maior aprendizado deste semestre, a importância de se aprender sempre, de buscar conhecimento e estar sempre preparado pro novo sabendo que hoje as tecnologias fazem sim parte da nossa vida, que as novas gerações estão sempre ligadas a esse crescimento, que a era tecnológica veio e para ficar e como futuros educadores precisamos estar atentos e nos aperfeiçoando sempre.” (Carlos - na resenha final da disciplina)

Carlos mostra como se ressignificou como futuro educador, quando diz que aprendeu sobre a “importância de se aprender sempre, de buscar conhecimento e estar sempre preparado para o novo”. Ele reconhece que a aprendizagem deve ser contínua, o desenvolvimento do letramento é processual, e estar aberto para o novo é aceitar que as tecnologias são o “novo” e precisam fazer parte da sala de aula. Ele entendeu que as tecnologias vieram “para ficar”. Essa compreensão se refletiu sobre sua identidade de futuro educador, quando afirma que “precisamos estar atentos e nos aperfeiçoando sempre”. Ele reconhece que ser professor é uma aprendizagem contínua, e que ser professor é nunca deixar de ser aluno.

A trajetória do desenvolvimento de Carlos pode ser sintetizada na figura abaixo:

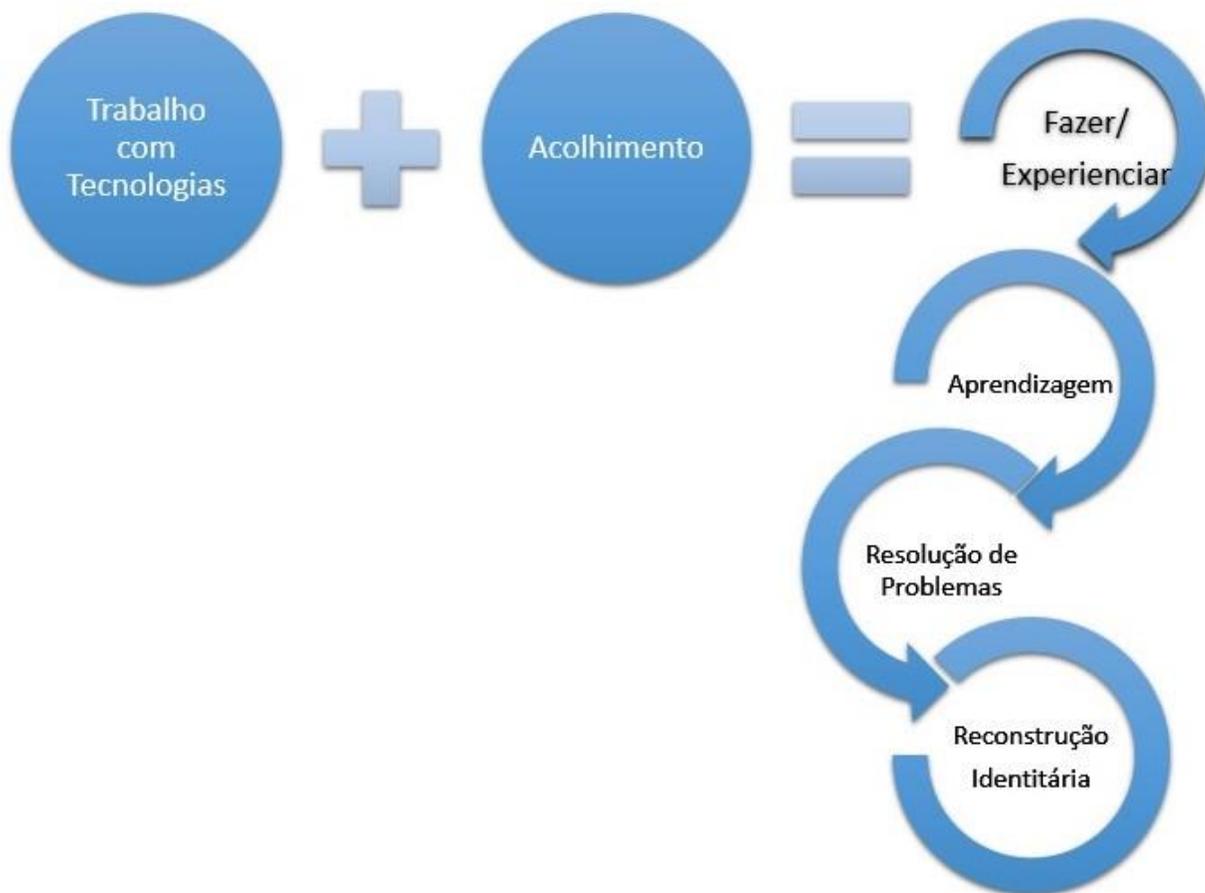


Figura 1 - Fonte: elaborada pela autora

Analisando a trajetória de Carlos, é possível ver que somente o trabalho com as tecnologias não seria suficiente para que ele desenvolvesse as capacidades que Kersch e Santos (em preparação) discutem. É possível observar que alunos como Carlos necessitam de cuidado, pois, devido ao seu histórico de exclusão, não se sentem pertencentes a essa realidade. Sem o acolhimento da professora, Carlos teria desistido da disciplina, ou ainda se não tivesse desistido, faria as atividades desmotivado e apenas para completar a “tarefa” e até poderia desenvolver algumas das capacidades, mas não traria tanto significado, e talvez não resultasse na reconstrução da sua identidade digital docente.

O acolhimento que o Professor terá com esse aluno (alunos como Carlos) fará a diferença no seu processo de aprendizagem, resultando também em uma maior confiança em si mesmo, e assim como vimos com Carlos, que esse aluno mesmo “*não sendo muito tecnológico*” e acreditando que não podia fazer “*pois me achava diferente*”

dos demais colegas, me achava ‘burro’ pode sim trabalhar ativamente com as tecnologias, e mudar sua própria concepção sobre si: *“Essa disciplina mudou minha vida, meu modo de pensar, **hoje sei que um ex faxineiro, filho de uma analfabeta pode ser um mestre...foram seus olhares de carinho que me mostraram isso”***. O acolhimento que Carlos teve foi necessário para ele acreditar no seu potencial e reconfigurar-se como aluno e como profissional (ou o profissional que projeta ser).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias vêm mudando as nossas vidas, muitas vezes facilitando o dia-a-dia, outras vezes nos exigindo certas capacidades para agir no mundo social, seja de saber fazer, saber utilizar ferramentas, saber ler e escrever, pois não lemos e escrevemos da mesma forma no analógico e no digital. Precisamos ainda saber ler criticamente as notícias que encontramos nas redes, checar as fontes e procurar a mesma notícia em outros veículos de informação confiáveis para verificar os fatos. Aprender tudo isso é necessário na sociedade em que vivemos. A escola tem a função de preparar os alunos para a vida em sociedade, por isso, é também seu papel inserir o uso de tecnologias na escola.

Mas como exigir da escola que os professores preparem os alunos em sala de aula para a vida em sociedade sem que esses professores estejam preparados para isso? Para esses professores que já estão em exercício, é necessário investir na formação continuada. Para os que ainda estão em formação, é necessária a oferta de disciplinas que os preparem para integrar o uso de tecnologias em sala de aula, e que elas sejam inseridas nos currículos de formação de professores.

O trabalho feito na disciplina, a partir da qual foram gerados os dados analisados neste trabalho, proporcionou aos alunos o trabalho com tecnologias de forma ativa, e o cuidado e o carinho demonstrado pela professora foram capazes de fazer com que Carlos ressignificasse não somente sua identidade docente, mas suas crenças sobre si mesmo. Carlos iniciou a disciplina com a ideia de que tecnologias eram sinônimo de redes sociais, e inclusive mencionou que entrou na era tecnológica cedo, mas utilizava as tecnologias de maneira superficial, apenas as redes sociais. Depois do trabalho na disciplina, foi capaz de entender que as tecnologias estão aí, fazendo parte das nossas vidas, e precisam ser levadas para a sala de aula, e que ele como, futuro professor, precisa estar atento aos avanços da sociedade.

Carlos se sentia diferente dos colegas, “se sentia burro”, mas a grande diferença de Carlos era que ele não acreditava em si mesmo, provavelmente pela sua condição social, e pela falta de afinidade com as tecnologias. Mas a professora o incentivou, e a partir do acolhimento recebido, ele passou a tentar a vencer as

dificuldades. Sempre com um “empurrãozinho” da professora, ele passou a, gradativamente, confiar mais em si, e isso o auxiliou no aprendizado, na utilização das ferramentas no decorrer da disciplina, o que o fez não desistir da disciplina.

Carlos teve um grande desenvolvimento na disciplina. Passou de um aluno que não confiava em si mesmo, pelo menos em relação à tecnologia, que se considerava burro e que não tinha muita afinidade tecnológica, para um outro Carlos, que agora considerava capaz de dar conta das atividades que lhe eram propostas. Ele percebeu que não há como desassociar nossas vidas do universo digital, e que é necessário incluir as tecnologias nas nossas salas de aula. Os nossos dados nos levaram a ver que, sem o acolhimento que Carlos teve na disciplina, ele provavelmente teria desistido dela. Isso nos mostrou o papel do acolhimento na reconstrução identitária docente de Carlos, não somente para não desistir e aprender tanto sobre si mesmo, mas também como uma referência do professor que ele quer ser em sala de aula. Afinal, professores formam pessoas!

Este trabalho mostrou que, para a criação de uma sociedade mais justa e igualitária, precisamos não somente de políticas públicas de acesso à educação, mas também que garantam a permanência desses alunos. Hoje, muitos alunos que chegam às universidades em função de programas sociais, vêm, muitas vezes, com déficits que vão muito além do que perderam das disciplinas em que faltavam professores no ensino médio. Eles chegam com déficits sociais, econômicos, e muitas vezes de auto-estima, não conseguindo confiar e acreditar que ali é o seu lugar, que merecem estar aonde estão. Nesse caso, o acolhimento que esse aluno-professor vai receber ou não pode ser fator decisivo no professor que ele vai se tornar dali em diante.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Raquel. Storytelling e Mídias Digitais: uma análise da contação de histórias na era digital. **LATEC/UFRJ**. Rio de Janeiro, v. 2 n. 1. p. 13-36. 2012.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local literacies**. London and NY: Routledge, 1998
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola, 2015.
- BASTOS, Líliliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**, São Paulo, v. 31, n. spe, p. 97-126, Aug. 2015 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20/08/2018.
- BUCKINGHAM, David. Defining digital literacy – What do young people need to know about digital media?. **Nordic Journal of Digital Literacy**. 2006–2016. p. 21–34.
- CORREA GOROSPE, José Miguel et al. Formación del Profesorado, Tecnología Educativa e Identidad Docente Digital. RELATEC. **Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa**. Vol 14(1), 2015.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. The Things You Do to Know: An Introduction to the Pedagogy of Multiliteracies. In: Cope, B.; Kalantzis, M. (eds.). **A Pedagogy of Multiliteracies: Learning By Design**. London: Palgrave, 2015, p. 1-36
- DAVIS Alan; FOLEY, Lesley. Digital Storytelling. In: GUZZETTI, Barbara; LESLEY, Mellinee. **Handbook of Research on the Societal Impact of Digital Media**. Hershey PA USA, IGI Global, 2016.
- FOLEY, Lesley. et al. Teaching writing in the “Techno-Zone”: exploring new literacies in a first-grade classroom. In: FERDIG, Richard. E.; PYTASH, Kristine.

Exploring Multimodal Composition and Digital Writing. 1ª Edição, IGI Global, 2014.

GACHAGO, Daniela. et al. Towards the development of digital storytelling practices for use in resource-poor environments, across disciplines and with students from diverse backgrounds. **South African Journal of Higher Education** 28 (3), 961-982. 2009.

GEE, James. Paul. Identity as an analytic lens for research in education. **Review of Research in Education**, v. 25, n. 1, p. 99-125, jan. 2000 - 2001. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/1167322?seq=>> Acesso em: 16 abr. 2016

KERSCH, Dorotea Frank; LESLEY, Mellinee. Hosting and Healing: A Framework for Critical Media Literacy Pedagogy. Em preparação.

KERSCH, Dorotea Frank; SANTOS, Gabriela Krause. A criação tecnobiografias com alunos de Letras e (re)construção identitária. Em preparação.

JANKS, Hillary. Critical literacy's ongoing importance for education. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, 57(5), pp. 349-356. 2014.

JOHANNESSEN, Monica et al. Notion in motion: Teachers' digital competence. **Nordic Journal of Digital Literacy**, v.4, p. 300-312. 2014.

LAVILLE Christian., DIONNE Jean. **A construção do saber – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Belo Horizonte, Editora UFMG , 1999, 340 p.

LETRAMENTO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/letramento/>> Acesso em: 07 mai. 2018.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades Fragmentadas: A Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade. Reimpressão.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

OAKLEY, Grace et al. Introducing e-portfolios to pre-service teachers as tools for reflection and growth: lessons learnt. **Asia-Pacific Journal of Teacher Education.** Crawley. 2013.

PAHL, Kate. ROWSELL, Jennifer. **Literacy and Education.** London: Paul Chapman Publishing, 2005.

PRENKSY, Mark. **From digital natives to digital wisdom: hopeful essays for 21st century learning.** London: Corwin, 2012.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.** São Paulo: Rede do Saber/ CENP-SEE-SP, 2004. Texto de circulação restrita.

UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores.** Brasília: UNESCO-UFTM, 2013. Disponível em: <http://www.unesco.org>. Acesso em: 10 julho 2018

WENGER, Etienne. **Comunidades de prática: aprendizaje, significado e identidade.** Barcelona: Paidós, 2001. Trad. Genís Sánchez Barberán.

WORLD ECONOMIC FORUM 2015. **New Vision for Education: Fostering Social and Emotional Learning Through Technology.** Publicado 03/2016. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_New_Vision_for_Education.pdf> acesso em: 05 jun. 2017

APÊNDICE A - PRIMEIRA ENTREVISTA

1. Nome:
2. Idade:
3. Pensa assim no dia de hoje, quando tu acordou, qual foi a primeira tecnologia que tu usou ao acordar?
4. Como isso continuou durante o dia?
5. Qual foi a primeira vez que tu usou o computador?
6. Qual foi seu primeiro celular?
7. Qual foi seu primeiro notebook?
8. Qual foi teu primeiro videogame?
9. Em que locais acessa o teu celular, tu acessa ele em que momentos do dia?
10. Quais os sites que tu mais usa?
11. Com quais desses sites tu já contribuiu?
12. Comentou sobre uma notícia ou um produto?
13. Já comprou pela internet?
14. Já votou na qualidade de algum serviço?
15. Já enviou uma resenha, ou wiki?
16. Carregou alguma imagem ou vídeo para serem comentados?
17. Costuma pesquisar no wikipedia?
18. Qual foi sua primeira rede social?
19. Quando tu entrou no facebook?
20. Tu mudou seu jeito de guardar endereço, de planejar encontro com teus amigos, de ir para os lugares?
21. Existem diferenças entre, a tua vida cotidiana, a tua vida acadêmica, e a tua vida e a tua vida profissional?
22. Onde é que tu pesquisa sobre os assuntos quando tu precisa?
23. Costuma assistir a tutoriais na internet?
24. E quando tu utiliza esse recurso?

25.

APÊNDICE B - SEGUNDA ENTREVISTA

1. Gostaria de saber de você sobre a sua história familiar no que tange à leitura e a escrita.
2. Sobre as tecnologias que a gente utiliza hoje, pensando no dia de ontem, como é que foi o teu dia com essas tecnologias desde que tu acordou?
3. Falando sobre as tecnologias mais direcionando pro computador, pro celular e o laptop e o videogame, pode contar um pouquinho da tua experiência com esses recursos tecnológicos?
4. Quais as tecnologias, que tu utiliza com mais frequência no teu dia-a-dia?
5. A respeito aos sites que tu que tu utilizas e interage, tu faz bastante leitura neles? e participa também de fóruns e conversa e dialoga? Como é que é isso pra ti?
6. E esses sites, é, são sites de quê?
7. Sobre essa interação sua com esses sites, esses textos, tu faz alguma referência cruzada pegando alguma informação de algum site repassando, alterando, mudando?
8. E tu utiliza da língua estrangeira?
9. E em relação às postagens, ainda, além de compartilhar textos, criar textos, criar textos, alterar textos. Tu posta fotos, vídeos?
10. E em relação às fotos ou vídeos, tu só compartilha, ou tem alguma escrita em relação à imagem, à ação do vídeo?
11. E em relação ao Facebook mesmo, tu podes contar uma experiência bem interessante que tu teve ao postar alguma atualização tua no Facebook?
12. Pensando ainda, sobre a internet na na na no dia-a-dia, tu consegue se imaginar sem internet?
13. Que diferença que faz a internet para ti hoje?
14. o que que ela e a tecnologia te ajudaram nos teus trabalhos acadêmicos?
15. Costuma assistir a tutoriais na internet sobre algum assunto que tu não conhece ou até que tu conhece, mas que tu queira saber mais?
16. Que assuntos mais ou menos tu gosta de procurar, assim, pro tutorial, por exemplo?
17. Realiza compras pela internet?

18. Fez alguma reclamação em sites?
19. Percebes alguma diferença do uso de tecnologias tua pros teus pais, no caso sua mãe, né?
20. E pro seu filho?
21. O que foi mais significativo para ti na hora que tu fez todo o processo com a Professora (omitido) em relação às tecnologias na sala de aula?